

Silêncio absoluto denuncia plano de fuga em presídio

Antes mesmo de se depararem com montes de terra escondidos dentro do estrado de uma das camas da cela 9 e com o túnel tapado por um cobertor, os agentes notaram uma situação estranha que lhes chamou a atenção.

– O silêncio absoluto na cela. Podia passar um pernilongo que tu escutavas o zunido – contou o gerente do presídio, →

como essa espécie de silêncio aconteceu? como se fez e se desfez? quanto tempo durou? ou será que sempre esteve ali, como uma situação-crosta subcutânea dos dias, como um silêncio numa palavra pleural, que respira para dentro? o silêncio pode ser uma bofetada do real. o “hotel real” não tinha nada de real. na noite em que a porta-grade do elevador prendeu meu braço, aconteceu uma luta de box escondida, que durou 4 minutos e 33 segundos antes do nocaute. mas cheguei no último andar, sem tropeçar na atmosfera. (estar num lugar e num silêncio sem saída ou num texto sem entrada) estar dentro da linguagem pode ser uma forma de hospedagem – palavra-hotel –, ou pode ser uma prisão perpétua. como desfazer uma palavra dentro da cabeça, antes dela ser pronunciada? antes da mastigação, na ante-sala da saliva? para pisar no buraco sem fundo dessa palavra inexacta: a contingência da linguagem, a palavra possível, mas incerta. (quando escrevo, estou salva?) o silêncio-túnel e a palavra-jaula. o silêncio gelatinoso das olheiras e dos vírus acesos. o silêncio arenoso do chão parado. ali, o pernilongo pernoita a mnemo-escuta, a micro-mnemo-audição. *ab's* indica cisão. o corte curto dura, freia o ouvido. algo poderia ter farrado o ar, ter sido a boia, a corda, o parapeito, o atrito, o granulado. suspeitar do silêncio como isca-pista. (como sair daqui?)

→ *Silêncio absoluto denuncia plano de fuga em presídio de Florianópolis*, Gabriela Rovai, Jornal Diário Catarinense, 21/07/2013.